

## Por dentro do filme – o cinema na sala de aula

Graça Lobo<sup>1</sup>

### Pressupostos

Importa compreender *o olhar*; importa estudar *as imagens*; importa ensinar *o olhar sobre as imagens*, sobretudo se pensarmos na sedução das estratégias de manipulação do pensamento hoje amplamente associadas aos *mass media*, desde os dispositivos televisivos aos mecanismos da publicidade ou aos constrangimentos intelectuais de um certo tipo de cinema. A injeção de imagens por segundo em “video-clips”, a profusão de painéis publicitários na paisagem humana, o “voyeurismo” instilado em certos “reality-shows”, a embriaguez de efeitos especiais que se torna sinónimo de espectáculo cinematográfico, constituem meros exemplos referenciáveis num imenso conjunto de casos. À inflexão civilizacional que constituiu a substituição do primado da leitura pelo da imagem correspondeu necessariamente uma outra maneira de o homem se relacionar com o mundo.

Ora, “viver para ver” - se “ver” for “sem olhar” e se “olhar” for “sem reparar”, como é próprio da indiferenciação que os *media* por definição estimulam -, é manifestação de pensamento domesticado e de inteligência omissa, pois se as imagens não forem desconstruídas no momento da sua apreensão serão unicamente acumuladas, e não apreendidas, perdendo-se a possibilidade da memória, sem a qual não há matéria para discorrer, e a oportunidade da aprendizagem, pela qual o indivíduo se transforma em pessoa.

Desta maneira, poderemos e deveremos ter legítimas expectativas sobre o papel da escola enquanto efectiva “alfabetizadora”. Antes de mais, “alfabetizadora” no sentido de tentar garantir um “acordo de significações”, fornecendo informação sobre o estudo «dos mecanismos perceptivos apoiados na visão, das regras de composição das imagens, das possibilidades semânticas e dos artifícios

retóricos da linguagem visual».<sup>2</sup> Depois, diria eu, “alfabetizadora” no sentido de um “desacordo de significações”, no que esta expressão encerra de questionamento, espírito crítico e individuação de perspectivas.

Se bem que a Escola tenha cada vez maior percepção de que o “currículo paralelo” do aluno passa hoje pela imagem (sobretudo televisiva), e se bem que existam alguns esforços ao nível da pedagogia dos *media*, de uma maneira geral não existem espaços curriculares onde se **interroguem** as imagens, que informações elas veiculam e, principalmente, **como** veiculam elas essas informações (“como” que determina o **próprio conteúdo** das informações transmitidas), particularmente no que respeita aos filmes enquanto corpos de imagens portadoras de sentido (gramatical, mas igualmente artístico), sejam eles difundidos ou projectados.

Cada objecto fílmico é um microcosmos no qual toda a história da imagem se comprime, pelo que para que *o olhar* se possa distender a partir dele terá sido necessária uma aprendizagem prévia específica.

Assim, dividirei as possibilidades da utilização do cinema na escola em três grandes domínios: ensinar **com** o cinema (o filme como simples ilustrador informativo, como, por exemplo, enquanto documento social ou histórico), ensinar **pelo** cinema (o filme elaborado com propósitos pedagógicos, como é o caso de muitos documentários de criação) e, o que me ocupa aqui, ensinar **o** cinema (o filme como resultado de uma linguagem e história específicas).

Ora, tal aprendizagem exige formação para a imagem em geral e para a imagem cinematográfica em particular («preparar al público al máximo a fin de que su recepción de mensajes se haga en las mejores condiciones de aprovechamiento y en una posición crítica que desmantele en lo posible el resultado de la invasión audiovisual en la que vivimos»<sup>3</sup>), o que implica que é ao nível

da formação de professores que primeiro se deve e tem que insistir:

Tal formação será o primeiro passo para combater o actual alheamento - ou aproveitamento, que é uma outra forma de alheamento - da escola em relação ao cinema, que se, desde logo, me parece preocupante ao nível da formação global do indivíduo (se pensarmos, nomeadamente, que outras artes são objecto de estudo sistemático), mais grave é se se considerar que “ver filmes” é um hábito relativamente comum à população escolar (neste caso, professores e alunos). Fornecer os meios aos docentes para que acedam conscientemente aos filmes é o passo necessário para que eles passem da instrumentalização do cinema à compreensão da sua especificidade e importância, o que por sua vez será a etapa imprescindível para que os alunos se relacionem progressivamente com um maior grau de domínio e espírito crítico para com os produtos que visionam, dada a orientação que o docente imprime no momento de tal contacto, previamente a ele ou logo após ele.

Só assim, e numa fase posterior, se poderá ensaiar a formação dos próprios alunos, cujo panorama actual, a esse nível, revela profundas deficiências, tanto ao nível de **aquilo** que os alunos consomem quanto ao nível de **como** consomem eles o que vêem.

De um estudo levado a cabo na região do Algarve em 1997/98 num universo de 30 escolas retiraram-se algumas importantes ilações, tais como a de que a ausência curricular do cinema na escola é determinante no que se refere, pelo menos, à aquisição de conhecimentos básicos sobre a 7ª Arte ou sobre a diferença que o suporte e as condições de visionamento têm no acesso a ela, a de que as lacunas culturais do meio familiar são determinantes no modo como o cinema é encarado ou de que a visão está maioritariamente condicionada por um único modelo cinematográfico.

Há um consumo generalizado de produtos massificados nos quais, mesmo que se não coloque em causa a qualidade das imagens, poder-se-á questionar a **qualidade das mensagens** e, mais do que isso, dos quais se poderá legitimamente questionar a **qualidade da recepção**: por um lado, pela elucidante realidade do exemplo que citei,

por outro lado, pela **normalização** - consequência da “globalização mediática” - do *olhar*, cercado e manipulado por um único tipo de construção narrativo-dramática e uma especial maneira de encenar tal construção. *Olhar* que, inevitavelmente, porque conduzido por generalizações e estereótipos, está afastado da diversidade e da reflexão crítica, da multiplicidade e da atitude problematizadora, em suma, *olhar* que está arredado do **pensamento**. O apelo sedutor das imagens em movimento é o melhor veículo para a manipulação dos indivíduos, tornados acrílicos e com piores qualificações para a cidadania. Na Lei de Bases do Sistema Educativo assume-se como finalidade primeira a educação para um pleno exercício da cidadania, então deverá ser a escola a assumir o papel, sobretudo ao nível da escolaridade obrigatória, de reverter e inverter uma realidade tão unidimensional. Um programa consequente e em continuidade pode e deve ajudar a “limpar o olhar”, promovendo o visionamento de filmes de diversas proveniências e estilos, levando ao conhecimento e análise da imagem, provocando o debate no sentido crítico, fomentando a sensibilidade e a criatividade, alargando horizontes e investindo progressivamente no aluno enquanto futuro cidadão do mundo.

Em síntese, «Trabajar con los alumnos la estructuración lógico-explicativa, la atención, las capacidades críticas y reflexivas, la construcción de valores y actitudes a partir del análisis de ficciones audiovisuales.», como afirmou Pilar Aguilar<sup>4</sup>.

Donde e em conclusão, para que a real comunicação se estabeleça, não só necessitamos de receptores providos dos instrumentos e dos dispositivos necessários à descodificação e interpretação do que vêem, mas igualmente precisamos de oferecer a tais receptores o produto na sua versão original e nas condições técnicas ideais - sala do cinema.

Aliás, até no estrito ponto de vista pedagógico é útil (dado o carácter do cinema enquanto espectáculo integrado na “cultura de saída”, para adoptar a expressão de Pereira Marques<sup>5</sup>) colocar os alunos em situação “fora de portas” da escola, já que tal constitui um trunfo para uma presumível aprendizagem.

Oferecer cinema como factor de entretenimento e como motivo de aproximação ao objecto em estudo é potenciar o êxito de tal iniciativa, sendo que por “aproximação ao objecto em estudo” se deverá entender apelar à justa compreensão do que seja um filme e do que o cinema envolve: a concentração devida ao filme, num processo individual entre ecrã e espectador e na comunhão mais alargada com o “colectivo” de espectadores da sala; a construção de mitos e o reencontro com o imaginário e o simbólico (cinema enquanto conjunto de modelos de referência que estimulam processos de identificação, distintos daqueles que a televisão fornece); a recomposição do pensamento, do discursivo ao intuitivo e vice-versa.

Para se aceder à arte do cinema deveremos, então, deslocarmo-nos até ao local original da sua projecção, providos já com uma formação que nos permita que tal encontro não seja um mero piscar-de-olhos ou, ao invés, conscientes de que, a maior parte das vezes, os momentos que julgáramos de encontro não foram mais do que piscar-de-olhos. Quero dizer que a formação deve ser, para os professores, **prévia**, e para os alunos, **posterior**, no sentido em que é mais facilmente entendível um conteúdo, neste contexto, ao qual se possa associar uma imagem já vista, do que a situação oposta. Porque ver não é saber, não basta ver o filme para o apreender. Assim, após o visionamento há que retomar a sala de aula, para que, numa situação mais próxima, os alunos possam vir a aprender cinema com o filme a que assistiram. Diria antes: para que os alunos possam vir a aprender que o filme que viram **é cinema**. Para que *o olhar* passe, provável e tendencialmente, a ser inteligente - e a procurar no cinema um interlocutor igualmente inteligente.

### O Programa JCE/Juventude-Cinema-Escola

Em 1997, analisada a situação do cinema na região do Algarve e após o tratamento dos resultados do referido inquérito a 30 escolas básicas e secundárias, que agora se detalha, detectou-se o seguinte conjunto de problemas:

1. a globalização mediática traduz-se numa uniformização de gostos e modos de ver;

2. o predomínio de filmes norte-americanos nas salas de cinema estreita e deforma a visão do cinema pelo espectador;

3. as regras de mercado cinematográfico inviabilizam a construção de uma memória cinematográfica;

4. a estrutura do mercado mediático indiferencia as características específicas - e a recepção respectiva - de cada suporte possível para o cinema (sala, televisão e vídeo);

5. a ausência do cinema ao nível curricular não é sequer compensada com acções que possam tentar inverter os prejuízos que daí decorrem na formação dos alunos e na sua preparação para descodificar o mundo mediático no qual estão imersos;

6. a ausência do cinema ao nível da formação dos professores compromete a hipótese de que ele possa ser convenientemente abordado na relação “ensino-aprendizagem”.

7. o parque de salas no Algarve penaliza fortemente grande parte dos seus habitantes e reforça o isolamento sócio-cultural dos concelhos periféricos da região.

Este conjunto de problemas levou a um conjunto de hipóteses de trabalho na perspectiva de intervir nesta situação:

1. Aproveitando o refluxo dos espectadores jovens ao cinema e o aumento do parque de salas no Algarve, potencializar o contacto directo com o cinema no seu local original de projecção;

2. Apostando nas consequências a médio e longo prazo da criação do hábito cultural da ida ao cinema, envolver as empresas de distribuição e exibição na potencialização de tal contacto directo

3. Reconhecendo a vulgarização do suporte vídeo, dela retirar benefícios enquanto meio facilitador da aprendizagem do cinema;

4. Fornecendo a formação necessária, tanto ao pessoal docente como aos alunos, ensaiar uma intervenção mais lata no campo da recepção do cinema:

4.1. efectuando acções pontuais de carácter extra-curricular;

4.2. elaborando um programa sistemático de acção tendencialmente curricular.

### Objectivos do Programa JCE

O grande objectivo deste Programa é formar um novo público para o cinema. Este objectivo divide-se em objectivos específicos de curto, médio e longo prazo, em 3 diferentes campos de intervenção: professores, alunos e mercado.

Evidentemente que a operacionalização dos conceitos contidos nestes objectivos são desenvolvidos ao longo de um programa **em continuidade**, partindo do mais genérico para o mais particular, do mais simples para o mais elaborado e do mais concreto para o mais abstracto. Evidentemente, também, neles estão implícitos objectivos de carácter sócio-

	Curto prazo	Médio prazo	Longo prazo
<b>Professor</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Sensibilização para as linguagens cinematográficas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Aquisição de mecanismos de análise das linguagens cinematográficas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Intervenção autónoma enquanto utilizadores das linguagens cinematográficas.</li> </ul>
<b>Aluno</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conhecer o filme como objecto a ver em sala de cinema.</li> <li>Ser confrontado com a “ilusão do movimento”.</li> <li>Identificar a matéria (película) e a unidade mínima do filme (fotograma).</li> <li>Identificar o Cinema como meio de comunicação.</li> <li>Adquirir informações sobre “como se faz um filme”.</li> <li>Conhecer as máquinas das “imagens em movimento”.</li> <li>Recepcionar o filme utilizando a linguagem não verbal e verbal-oral.</li> <li>Interrelacionar temáticas dos filmes com conteúdos deste nível</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Reconhecer o filme como objecto a ver em sala de cinema.</li> <li>Explicar a “ilusão do movimento”.</li> <li>Adquirir noções básicas da gramática do cinema.</li> <li>Compreender o Cinema como meio de comunicação.</li> <li>Compreender autoria e o filme como resultado de uma equipa.</li> <li>Conhecer filmes de cinematografias diversificadas.</li> <li>Distinguir formatos.</li> <li>Distinguir géneros.</li> <li>Identificar modos de produção.</li> <li>Adquirir conhecimentos sobre a História do Cinema.</li> <li>Recepcionar o filme, formulando juízos críticos.</li> <li>Interrelacionar temáticas dos filmes com conteúdos programáticos das disciplinas. Sensibilizar para o cinema enquanto arte.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Compreender a especificidade da projecção cinematográfica.</li> <li>Compreender a “ilusão do movimento” como específica da arte do cinema.</li> <li>Aprofundar conhecimentos sobre a gramática do cinema.</li> <li>Compreender o cinema como veículo transmissor de ideologias.</li> <li>Conhecer autores de cinematografias diversificadas.</li> <li>Identificar a importância económica, social e cultural do cinema.</li> <li>Aprofundar conhecimentos sobre a História do Cinema.</li> <li>Recepcionar o filme, formulando juízos críticos e estéticos.</li> <li>Interrelacionar temáticas dos filmes com conteúdos das disciplinas.</li> <li>Reconhecer o cinema como arte.</li> <li>Fomentar a criação de pequenos filmes.</li> </ul>

afectivo, isto é, de uma aprendizagem do espectador enquanto cidadão com hábitos de civilidade, livre, consciente e crítico nos seus hábitos culturais.

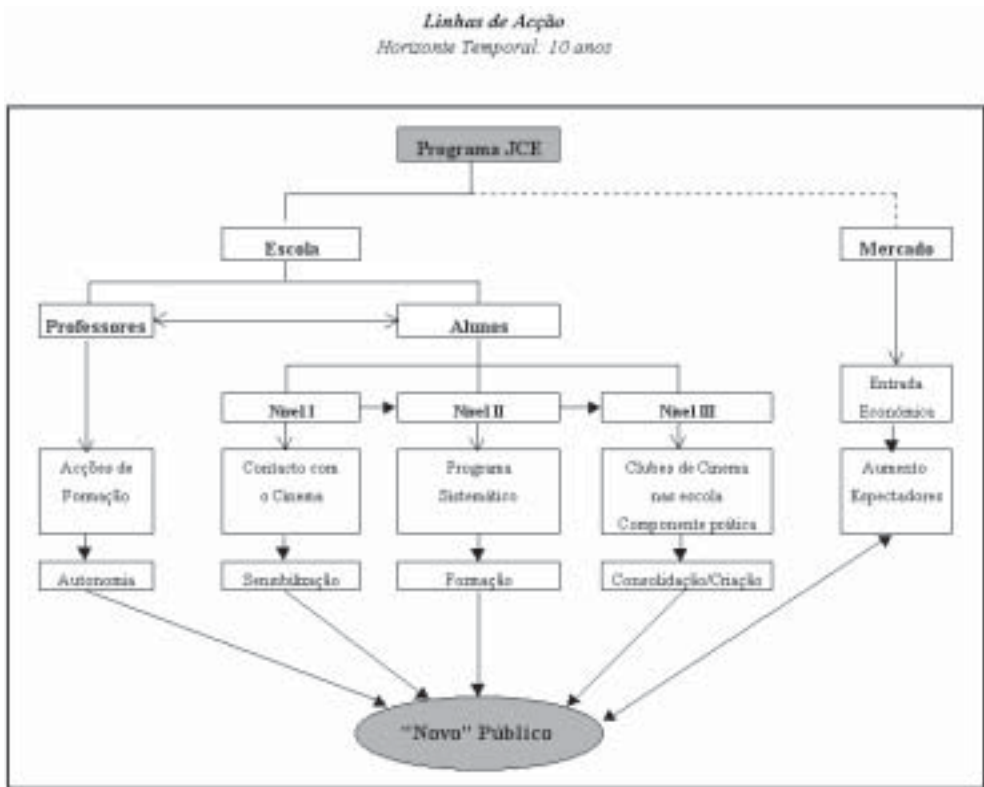
Não tendo este Programa uma atitude directa para com o mercado, penso que o influencia: numa 1ª fase, através de uma aproximação que se traduz principalmente

	Curto prazo	Médio prazo	Longo prazo
Mercado	• Sensibilização para o Programa.	• Intervenção nos hábitos.	• Aumento da oferta e da procura.

através de benefícios para o próprio JCE, ao conseguir uma diminuição nos seus custos; numa 2ª fase, com a introdução de uma nova modalidade de entrada no cinema - o “bilhete JCE”, com desconto para os alunos de todos os níveis de ensino no Algarve ou, pelo menos, para os portadores do cartão “Rede JCE” (escolas de 2º e 3º ciclos e secundárias

integradas no Programa) -, o que potencializa um aumento da afluência de público infanto-juvenil às salas, ainda que com resultados económicos difíceis de avaliar; numa 3ª fase, com a já previsível mudança ao nível da procura – mais espectadores para as salas de cinema, mas, simultaneamente, espectadores com outros critérios de exigência.

**Organização esquemática do Programa JCE**



### **Programação tipo e estratégias de intervenção**

• **Gratuidade do Programa JCE** - as sessões de cinema promovidas são sempre de entrada gratuita, tanto para alunos como para professores.

• **Divisão do âmbito do Programa JCE em dois:** em sessões pontuais de sensibilização e na criação da Rede JCE onde os objectivos já descritos são concretizados através de um programa o mais possível fixo de filmes (4 sessões anuais, no caso das escolas secundárias com a exibição igualmente de uma curta-metragem portuguesa por sessão).

• **Sublinhar o carácter tendencialmente curricular do Programa JCE nas escolas da Rede**, onde a sessão só termina na sala de aula, dividido que está nas seguintes etapas: sensibilização prévia à sessão na sala de aula por parte do professor; ida à sala de cinema para visionamento do filme, apresentado pela coordenadora JCE (ou da Direcção Regional ou da própria Escola); retorno à sala de aula para preenchimento de inquérito sobre o filme (questões de ordem temática, técnica e de avaliação qualitativa e quantitativa do/s filme/s); correcção do inquérito através de vários materiais, incluindo o dossier gráfico e temático sobre o filme e montagens video com extractos do filme e/ou outros. Como em qualquer disciplina, no final do ano elabora-se uma ficha sumativa global simplesmente orientada para a avaliação dos conhecimentos técnicos (linguagem, técnicas, profissões e História) leccionados ao longo do ano lectivo. É de acentuar que em certas escolas o trabalho do/a aluno/a na Rede JCE, incluindo os resultados destes testes, é incluído, com uma percentagem que normalmente ronda os 10%, na classificação final da disciplina do professor que integrou a/s sua/s turma/s na Rede JCE.

• **Investimento na formação de uma “bolsa de professores”** à qual é fornecida formação (específica, para o Programa, e geral, sobre o cinema).

### **Medidas paralelas implementadas**

• Criação de clubes de cinema, aos quais será dado todo o apoio a nível da organização, programação e documentação.

• Criação de arquivos escritos e audiovisuais nas escolas (quer da Rede JCE, quer nas restantes) sobre as várias vertentes do Programa.

• Publicação de um anuário que dá conta da actividade realizada e dos melhores trabalhos realizados pelos alunos sobre os filmes e/ou o cinema.

• Contar com convidados especiais para animar sessões especiais (realizadores, actores, técnicos...).

• Organização de debates, cursos e “workshops” para escolas/alunos interessados por temáticas específicas (animação, guionismo, história do cinema...).

• Promoção de intercâmbios entre projectos/actividades de outras áreas dentro da própria escola, entre escolas, a nível nacional e internacional.

• Organização de visitas de estudo a locais de interesse no âmbito do cinema (ANIM, Cinemateca Portuguesa, Tóbis, Escola Superior de Cinema...).

• Realização no final de cada ano lectivo a “Festa do Cinema”, onde são entregues prémios aos melhores trabalhos de recepção sobre os filmes vistos ou o cinema em geral. Exposição de trabalhos. Concursos tipo “quiz show”.

• Realização de um programa de rádio quinzenal numa rádio local de Tavira sobre as actividades da Rede JCE com a presença de convidados do Algarve ligados ao cinema e/ou ao Programa JCE (alunos e professores).

### **Medidas paralelas em implementação**

• Criação de uma página na Internet sobre o Programa JCE e igualmente com links para sites ligados ao cinema.

• Assinatura de protocolos com exibidores que permitam a criação de bilhetes com desconto, para filmes aconselhados previamente pela coordenação do Programa, para todos os alunos da região ou só, numa primeira fase, para alunos da Rede JCE.

• Promoção de uma iniciativa designada por “Vou levar os meus pais ao Cinema!”, em que se pretende que os pais tenham uma participação mais activa na Educação em geral e neste programa em particular.

## Conclusão

O Programa JCE é um projecto que trabalha não ao nível das imediatas consequências mas sim dos frutos a médio e longo prazo. Aproveitando as “brechas” existentes no sector do mercado, isto é, conseguindo a colaboração dos distribuidores nacionais (comerciais ou não-comerciais, como a Cinemateca e todas as entidades de teor cultural que detenham filmotecas - Inatel, embaixadas, institutos similares), construindo, em teia, uma “rede de cumplicidades” (para utilizar a justa e belíssima expressão de João Mário Grilo<sup>6</sup>) entre salas de cinema locais (comerciais ou de entidades públicas), exibidores alternativos (projeccionistas ambulantes e cineclubes), autarquias e delegações regionais dos diferentes Ministérios ou Secretarias de Estado abrangidos, por vocação, pelo Programa (educação, cultura e juventude), e as escolas, apresenta uma maneira diferente de facultar o cinema. Sendo “tendencialmente curricular”, optando por uma programação consistente, numa perspectiva didáctica, tanto aos nível dos conteúdos a ministrar quanto à diversidade dos filmes a apresentar (e recorrendo ao suporte video unicamente pela principal utilidade que ele

apresenta no contacto com o cinema, isto é, ser material de apoio didáctico e não estratégia pedagógica para “entreter crianças”), está presente na sala de aula. Envolvendo os professores das escolas em que trabalha, fornecendo-lhes a formação indispensável ao domínio da linguagem e da história do cinema (por forma a que eles mesmos, por um lado, interiorizem a necessidade de investir na formação dos alunos neste campo e, por outro lado, possam ter uma percepção correcta das características - industriais, artísticas e estéticas - do cinema), orienta o adequado uso do cinema na escola. Abrangendo alunos dos 6 aos 18 anos, educando-os progressivamente em duas vertentes umbilicalmente ligadas - a do hábito cultural de ver cinema no seu local próprio e original de projecção, a sala de cinema, e a da aprendizagem sobre a linguagem e a história do cinema -, ajuda, estou certa, um número significativo de “homens de amanhã” a tomar consciência de quanto o gosto pode ser manipulado e a ignorância fomentada se o indivíduo se demitir do seu esforço de conhecimento e consequente espírito crítico. Ao estar “por dentro do filme”, o Programa JCE ajuda a formar espectadores para além dele, tornando os alunos cidadãos atentos às realidades que os cercam.

## Bibliografia

**Aguilar**, Pilar, *Manual del espectador inteligente*, Madrid, Ed. Fundamentos, Col. Arte, Serie Imagen, nº 114, 1996.

**António**, Lauro (coord), *O Ensino, o Cinema e o Audiovisual – Comunicações do 1º Encontro Nacional “O Ensino do Audiovisual, o Audiovisual no Ensino”*, Porto, Porto Editora, Col. Mundo dos Saberes, nº 21, 1998.

**Calado**, Isabel, *A Utilização educativa das imagens*, Porto, Porto Editora, Col. Mundo dos Saberes, nº 8, 1994.

**Marques**, Fernando Pereira, *De que falamos quando falamos de Cultura?*, Lisboa, Ed. Presença, Col. Pontos de Referência, s/nº, 1994.

**Martel**, Javier González, *El cine en el universo de la ética. El cine-fórum*, Madrid, Ed. Alauda-Anaya, 1996.

Saberes, nº 8, 1994, p. 71. Cf. id., «O alfabetismo implica que os membros de um mesmo grupo atribuam os mesmos significados aos mesmos signos. É esta partilha de significados que tem de ser aprendida, pois ler é aqui diferente de ver.», p. 49.

<sup>3</sup> Porter-Moix, apud Javier González Martel, *El cine en el universo de la ética. El cine-fórum*, Madrid, Ed. Alauda-Anaya, 1996. p. 136.

<sup>4</sup> Pilar Aguilar, *Manual del espectador inteligente*, Madrid, Ed. Fundamentos, Col. Arte, Serie Imagen, nº 114, 1996, p. 50.

<sup>5</sup> Fernando Pereira Marques, *De que falamos quando falamos de Cultura?*, Lisboa, Ed. Presença, Col. Pontos de Referência, s/nº, 1994, p. 60. Quer o autor incluir nesta expressão todas as manifestações culturais que exigem ao consumidor a “saída” de sua casa para as poder usufruir - cinema, teatro, ballet, ópera, etc.

<sup>6</sup> João Mário Grilo, “Carta” in Lauro António (coord), *O Ensino, o Cinema e o Audiovisual – Comunicações do 1º Encontro Nacional “O Ensino do Audiovisual, o Audiovisual no Ensino”*, Porto, Porto Editora, Col. Mundo dos Saberes, nº 21, 1998, p. 53: «A divulgação do cinema nas escolas (...) deve nascer de complexidades pontuais, articuláveis numa rede progressivamente maior.»

---

<sup>1</sup> Direção Regional de Educação do Algarve

<sup>2</sup> Isabel Calado, *A Utilização educativa das imagens*, Porto, Porto Editora, Col. Mundo dos